

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS

ANA BEATRIZ BELÉM MOURA

PROCESSOS INTERTEXTUAIS: MANUTENÇÃO E PROGRESSÃO EM
INTERAÇÕES DE FÃS NO X

SÃO LUÍS

2024

ANA BEATRIZ BELÉM MOURA

**PROCESSOS INTERTEXTUAIS: MANUTENÇÃO E PROGRESSÃO EM
INTERAÇÕES DE FÃS NO X**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da
Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em Letras Inglês/Português.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria da Graça dos Santos Faria

SÃO LUÍS

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Belém Moura, Ana Beatriz.

Processos intertextuais: manutenção e progressão em interações de fãs no X / Ana Beatriz Belém Moura. - 2024.
53 p.

Orientador(a): Maria da Graça dos Santos Faria.
Monografia (Graduação) - Curso de Letras - Inglês,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Intertextualidade. 2. Interação. 3. Textos Nativos Digitais. 4. . 5. . I. Santos Faria, Maria da Graça dos. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS

ANA BEATRIZ BELÉM MOURA

**PROCESSOS INTERTEXTUAIS: MANUTENÇÃO E PROGRESSÃO EM
INTERAÇÕES DE FÃS NO X**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da
Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em Letras - Inglês.

Data da aprovação: 27/09/2024

Banca Examinadora

Prof. Dra. Maria da Graça dos Santos Faria
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dra. Marize Barros Rocha Aranha
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dra. Ilza do Socorro Galvão Cutrim
Universidade Federal do Maranhão

A Deus, Aquele que É, e que sem Ele (eu) nada seria. Ao meu pai, Alcides, pelos milhares de quilômetros percorridos desde o meu primeiro resquício de vida até hoje. À minha mãe, Luciana, que sempre foi, e é, para toda nossa família o ponto de apoio, aquela que ama e serve a todos sem pedir nada em troca. À minha companheira de vida, Letícia Darlla, por me encorajar a continuar ainda que eu não me visse capaz. Às minhas avós Maria (in memoriam) e Lúcia (in memoriam), ambas que cuidaram de mim como mães, ambas que plantaram no meu coração a vontade de vencer, pela simplicidade da vida, pela dificuldade da vida, pelo exemplo de vida.

AGRADECIMENTOS

Nem sempre eu tive consciência de que Deus era minha companhia na trilha da vida, mas Ele sabia, pois como é dito em Salmos 139:13,14 “Pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no ventre de minha mãe. Graças te dou, visto que de modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem”. Desde que adquiri essa consciência, eu entendi que cada passo meu foi guiado por Ele, o melhor que tenho em mim foi forjado pelo Senhor. Então, o meu maior, e primeiro, agradecimento é a Ele, já que por Ele foram providenciadas todas as vitórias a mim dadas.

Para chegar onde cheguei tantas pessoas precisaram contribuir, que eu não seria capaz de listar agradecimentos a todos, pois assim teria que agradecer ao pedreiro que construiu a maternidade onde nasci, ou o médico que me segurou durante meu primeiro choro neste mundo, e também aqueles que prepararam tantos almoços para mim no Restaurante Universitário da UFMA ou a dona Socorro que tirou uma caixa cheia de cópias, caixa essa que, de maneira figurativa, me serviu de degrau e me fez avançar em direção ao meu objetivo. Certamente, existem aqueles que colaboraram de maneira fundamental, aos quais eu não poderia deixar de agradecer.

Aos meus pais Alcides e Luciana, como agradecer o suficiente? Nos meus 9477 dias de vida, eu ainda não fui capaz de agradecer o suficiente por tudo e tanto. Eles sabem que eu sou falante, que em toda oportunidade eu estou falando, com isso tenho exercitado lembrá-los que sem eles eu não seria quem sou. Eles são uma grandiosíssima parte dessa conquista e sinto que não há tempo suficiente nesta nossa vida juntos para que eu agradeça. Painho, o seu sacrifício diário me trouxe até aqui, muito obrigada. Mainha, a sua dedicação me trouxe até aqui, muito obrigada. Faço das palavras de Celine Dion as minhas: “vocês me deram asas e me fizeram voar.. sou tudo que sou porque vocês me amaram”. Vocês foram o combustível e o principal apoio (emocional e financeiro) para que eu chegasse a esse momento da minha vida, agora este documento registra, de forma escrita e pública, a minha gratidão a vocês.

Assim como as coisas são tiradas de nós, muitas delas são oferecidas sem pedir nada em troca. Vejo nesse pensamento a oportunidade que tive de conviver com aquelas que foram mães duas vezes, as mães dos meus pais eram tão distintas e ao mesmo tempo tão parecidas. Não há elo maior que o amor a alguém e eu sei que fui amada pelas duas. Minha avó Lúcia Belém (*in memoriam*) sabia quem eu seria desde que me conheceu, eu era a moreninha cor de jambo e para mim ela era a inspiração para correr atrás dos nossos sonhos, principalmente

aqueles que nos fazem contribuir para um mundo melhor, me orgulho de exercer a mesma profissão que ela. Voinha ou vó Maria (*in memoriam*) me adotou como neta-companhia e a vida nos permitiu adoçar a vida uma da outra, ela apostava em mim e finalizar um curso superior estava nos nossos planos. Essa e outras etapas concluídas sem a presença delas me dói como uma criança que olha para a plateia e vê dois lugares vazios, mas as carrego no meu coração de adulta. Obrigada, voinhas!

Às minhas duas irmãs Maria Clara e Mariana, que são uma alegria constante na minha vida, espero vocês aqui do outro lado. Assim como cantava Avicii, “ainda que os céus desmoronem, por você(s), não há nada nesse mundo que eu não faria”, nada traduz melhor como me sinto e, aliás, eu não consigo ouvir essa música sem querer chorar ao lembrar de vocês. Agradeço por terem estado comigo no processo de escrita deste trabalho, desde os primeiros surtos até o suspiro de alívio em ter cumprido esse dever. Ainda que distantes, eu sinto que vocês estiveram mais perto do que nunca. E como de costume: gratidão!

À minha namorada, Letícia Darlla, que estava com medo de viver esse momento da minha vida apenas como minha melhor amiga, mas você é, para além disso, a minha companheira. Sou muito afortunada por ter você comigo, quando eu dizia que não conseguiria, você me encorajava a continuar porque, assim como meus pais e minhas irmãs, você acredita em mim e me ajudou até o último momento. Obrigada, meu bem!

Ao meu irmão de coração, Marvane, que me ensinou que não há limites para aprender sobre as coisas da vida, o artista que há em você me inspira, obrigada!

Agradeço a minha professora e orientadora Maria da Graça dos Santos Faria, conhecida carinhosamente por Gracinha, que despertou em mim o desejo de seguir adiante e me lembra sempre que a academia é ler, é estudar. Minha gratidão por toda a sua ajuda e disposição em me orientar e me impulsionar, certamente os professores são peças chave para nosso crescimento como profissionais e como pessoas. Meu afetuoso obrigada!

O genial Milton Nascimento recita que “Amigo é coisa pra se guardar debaixo de sete chaves dentro do coração” e meus amigos são como presentes que recebi sem esperar e muito menos sem merecer. Um obrigada especial para Maria Fernanda, ou melhor dizendo Mafer, que não importa quanto tempo a gente fique sem conversar ou quanto tempo demore pra nos vermos, parece que ontem foi o último dia que estivemos juntas trabalhando no museu. Meus

agradecimentos àqueles que fizeram parte da minha caminhada extracurricular, como Iara, Cinthia e tantos outros.

Como canta Emicida “Selva de pedra, menino microscópico, o peito gela onde o bem é utópico”, eu me via como o menino, em um estado desconhecido, onde eu não conhecia um passo à minha frente, mas fui tão bem acolhida que o bem utópico só ficou na imaginação. Por isso, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que compartilharam comigo os altos e baixos da graduação, em especial a Suzana (o que seria de mim sem você, amiga?) e a Karen Hany (que me disse: “tenta, o pior que podem te dizer é não” e eu fui lá e tentei), além dos meus outros amigos que a UFMA me deu: Krsthian Matheus e Elailson Pontes.

Agradeço a minha companheirinha Izogie Catarina, que nas noites em que eu passei em claro escrevendo este trabalho, me lançava um olhar de “não vai acabar com isso hoje?” e eu sei que se cachorros falassem ela teria dito “vai dormir e continua amanhã”. Obrigada, Izoguete!

Não posso esquecer de agradecer ao grupo de pesquisa Gepot, que me acolheu e trilhou parte deste percurso comigo, meus sinceros agradecimentos a Suzana (amiga, você está em todos os lugares), Rafael, Ozeias e Kathianne por toda ajuda.

Finalmente, compartilho do entendimento de Guimarães Rosa quando diz que “o correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”. É preciso ter coragem para continuar, assim como é preciso gratidão e mais um tantão de pessoas, as que estão e as que virão, mais uma vez agradeço!

A Deus Pai, o Filho e o Espírito Santo, obrigada!

It was the best of times, it was the worst of times (...)

A tale of two cities, Charles Dickens, 1859.

RESUMO: Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar os processos intertextuais presentes em uma postagem do perfil @forkswift, na rede social X, e como as interações entre fãs promovem a manutenção e a progressão desses processos intertextuais. A análise está ancorada teoricamente na Linguística Textual e nas características dos textos nativos digitais. Com base nos estudos de Paveau (2021), Cavalcante (2020, 2022), Carvalho (2018), Costa (2024) e Muniz-Lima (2022), apresentamos os princípios que orientam a análise da construção de sentidos em textos nativos digitais, considerando as interações e o uso da intertextualidade. Acreditamos que o ambiente digital proporciona ferramentas que enriquecem as interações, como a facilidade de estabelecer relações entre textos e o uso de elementos multimodais. Isso não apenas transforma a forma como os indivíduos se comunicam, mas também altera os significados que emergem dessas trocas. A metodologia deste trabalho de pesquisa se classifica como qualitativa e descritiva, pois busca descrever as características ou padrões observados em um determinado contexto, nesse caso o digital. E o método utilizado é o indutivo, onde foram observados fenômenos para identificar padrões. O *corpus* deste trabalho é composto por uma seleção de capturas de tela de comentários feitos na rede social X, nele podemos perceber como os sentidos são operados para a manutenção de uma narrativa feita por uma fã e com base em um texto-fonte que não é recuperado por todos envolvidos na interação. Os resultados desta pesquisa reafirmam a premissa de Bakhtin de que o texto adquire sentido por meio da interação com o interlocutor. Além disso, evidenciam que a intertextualidade é uma ferramenta essencial para conferir criatividade e singularidade na criação de novos textos, especialmente nas interações em ambientes digitais.

Palavras-chave: Intertextualidade; Interação; Textos nativos digitais.

ABSTRACT: This study to analyze the intertextual processes present in a post by the @forkswift profile on the social network X, and how interactions between fans promote the maintenance and progression of these intertextual processes. The analysis is theoretically anchored in Textual Linguistics and the characteristics of digital native texts. Based on the studies of Paveau (2021), Cavalcante (2020, 2022), Carvalho (2018), Costa (2024) and Muniz-Lima (2022), we present the principles that guide the analysis of the construction of meanings in digital native texts, considering interactions and the use of intertextuality. We believe that the digital environment provides tools that enrich interactions, such as the ease of establishing relationships between texts and the use of multimodal elements. This not only transforms the way individuals communicate, but also alters the meanings that emerge from these exchanges. The methodology of this research work is classified as qualitative and descriptive, as it seeks to describe the characteristics or patterns observed in a given context, in this case the digital one. And the method used is inductive, where phenomena were observed to identify patterns. The corpus of this work is composed of a selection of screenshots of comments made on the social network X, in which we can see how the meanings are operated to maintain a narrative made by a fan and based on a source text that is not retrieved by everyone involved in the interaction. The results of this research reaffirm Bakhtin's premise that the text acquires meaning through interaction with the interlocutor. Furthermore, they show that intertextuality is an essential tool for conferring creativity and uniqueness in the creation of new texts, especially in interactions in digital environments.

Keywords: Intertextuality; Interaction; Digital native texts.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.....	17
FIGURA 2.....	18
FIGURA 3.....	26
FIGURA 4.....	29
FIGURA 5.....	30
FIGURA 6.....	34
FIGURA 7.....	38
FIGURA 8.....	39
FIGURA 9.....	40
FIGURA 10.....	42
FIGURA 11.....	43
FIGURA 12.....	43
FIGURA 13.....	45
FIGURA 14.....	46
FIGURA 15.....	47

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 Texto e contexto digital.....	14
2.2 Textos nativos digitais e a interação no meio digital.....	16
2.3 Como acontecem as interações na rede social X e interação de fãs.....	26
2.4 Intertextualidade.....	29
2.5 Intertextualidade no contexto digital.....	33
3.METODOLOGIA.....	37
4. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49

1.INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema deste trabalho nasceu a partir da minha afinidade com as questões de intertextualidade. Desde o momento em que tomei consciência das inúmeras possibilidades de sentido que os textos carregam, me vi compelida a estudar mais a fundo este assunto. Como uma boa usuária de rede social que sou, logo percebi a intertextualidade presente nos ambientes digitais que eu utilizava, então decidi que faria uma pesquisa que envolvesse a intertextualidade no ambiente digital.

O objeto de análise surgiu de um perfil da rede social X, e o motivo da escolha desta rede social foram as particularidades oriundas dela, os usuários usam da criatividade para criar conteúdos mais elaborados, ou não, com as ferramentas disponibilizadas pela rede, e muitas vezes viralizam um conteúdo que tende para o aspecto pessoal.

Baseada nessas considerações, esta pesquisa parte da seguinte **questão central: Como ocorrem os processos intertextuais em interações de fãs na rede social X?** A partir dessa indagação, delimitamos o objetivo geral deste trabalho que é analisar os processos intertextuais presentes em uma postagem do perfil @forkswift, na rede social X, e como as interações entre fãs promovem a manutenção e a progressão desses processos intertextuais.

As análises estão fundamentadas teoricamente nos estudos da Linguística Textual (doravante LT), realizados pelo grupo Prottexto, essa parte da linguística se dedica a investigar o funcionamento e a estrutura dos textos. Os estudos desempenhados pelo grupo Prottexto estão voltados para o modo como os textos são organizados, interpretados e produzidos, examinando a relação desses processos com aspectos cognitivos, sociais e culturais.

Para atingir este objetivo de descrever os fenômenos intertextuais presentes nas interações na rede social X, contamos com as noções de Paveau (2021) sobre os textos nativos digitais e suas características; Cavalcante et al (2022) com conceitos sobre intertextualidade, interação, enunciado entre outros; Muniz-Lima (2022) sobre interação no ambiente digital; Carvalho (2018) com sua classificação dos fenômenos intertextuais e Costa (2024) com a ampliação das classificações das intertextualidades considerando a tecnodiscursividade.

As mídias digitais são palco para a produção de diversos textos, e a Linguística Textual no Brasil considera o texto “(...)um enunciado multimodal completo” (Muniz-Lima, 2022, p.9), isso aconteceu pois as construções textuais deixaram de ser restritas à fala ou/e à escrita, mas adquirindo essas novas formas de produzir texto, principalmente pela contribuição de tudo que engloba o contexto digital nessas produções textuais. Os textos nativos digitais apresentam características peculiares, provenientes da relação com

dispositivos digitais que permitem, por exemplo, o uso/a recuperação de textos anteriores e de recursos multissemióticos.

Com a chegada das máquinas e com a inclusão da tecnologia digital no cotidiano, a interação se amplia, isso acontece pelas diversas possibilidades apresentadas pela nova realidade marcada pela presença das mais diferentes mídias, como as redes sociais, os mensageiros instantâneos, plataformas de colaboração, entre outros e que permitem essa expansão na interação e conseqüentemente na produção de sentidos.

As intertextualidades também trazem essa perspectiva de diversidade, em que os textos não apenas dialogam entre si, mas produzem novos significados. A categorização das intertextualidades exploradas neste trabalho foram propostas por Carvalho (2018), nelas temos as intertextualidades amplas e estritas e as subdivisões dessas subcategorias, implementamos também as contribuições de Costa (2024), pois, ainda que as classificações de Carvalho organizem bem esses fenômenos, a tecnodiscursividade provocou mudanças significativas, razão pela qual Costa (2024) adapta as intertextualidades para que as análises em tecotextos sejam contempladas com os elementos tecnolinguageiros.

A fim de investigarmos a produção de sentido a partir dos fenômenos intertextuais e da interação de fãs nas redes sociais, utilizamos um *corpus* de análise de domínio público, situado no ecossistema X, cuja amostra está baseada em capturas de tela. A escolha desse ecossistema se deu pelo perfil de usuários que utilizam a rede social e a partir dos recursos oferecidos pela própria plataforma que contribuem para que a interação e a disseminação de conteúdo seja cada vez maior e melhor.

A metodologia deste trabalho se classifica como qualitativa e descritiva, pois busca descrever as características ou padrões observados em um determinado contexto, nesse caso o digital. E o método utilizado é o indutivo, que parte do particular para o geral, em que são observados fenômenos para identificar padrões.

As análises compõem a última parte do trabalho, é a partir dela que confirmaremos a atuação das intertextualidades em conjunto com a interação para a produção de sentidos em textos digitais.

Para atender o objetivo desta pesquisa, este trabalho se organiza da seguinte forma subsequente à introdução.

Na seção 2 apresentamos o referencial teórico que trata em suas subseções sobre o objeto de estudo da Linguística Textual, abordagem que norteia este trabalho, que é o texto e o contexto digital. Também trabalhamos os textos nativos digitais, que advém da teoria de Paveau (2021) dos discursos digitais, associado a essa teoria temos os estudos de interação

feitos por Muniz-Lima e que contribuem para as análises que serão feitas adiante. Explicamos na subseção seguinte como acontecem as interações na rede social de onde extraímos nosso *corpus* da pesquisa, ainda nesta subseção tratamos brevemente da interação de fãs, pois este é o perfil dos indivíduos envolvidos na análise. Como última subseção da seção 2 tratamos da intertextualidade de acordo com as contribuições de Cavalcante (2022), classificação de Carvalho (2018) e ampliação da classificação de Costa (2024).

Na seção 3, discorreremos sobre a metodologia utilizada na investigação do *corpus* desta pesquisa para chegarmos às análises à luz das teorias e métodos apresentados em que investigamos os processos intertextuais presente nas interações de fãs na rede social X.

Finalmente, trazemos na 4 e última seção as considerações finais, visando integrar às teorias estudadas as análises efetuadas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, a luz da Linguística Textual brasileira, promovida pelo grupo Protexto, abordaremos os conceitos e considerações sobre texto e contexto digital, para seguirmos até as características de análise dos discursos nativos digitais e a interação nas redes sociais, depois trataremos do funcionamento da rede social X e a interação entre fãs, para finalizar com as percepções sobre intertextualidade.

2.1 Texto e contexto digital

Ao recorrermos a Linguística Textual (LT) para análises, é fundamental citar o conceito de texto, tendo em vista esse ser o seu objeto de estudo. Quando discutimos o conceito de texto nos deparamos com a dificuldade citada por Adam (2022) em definir o que é texto, o autor defende que essa dificuldade existe devido a uma imensa variedade de textos e todas conseguirem ser abarcadas em uma única definição. Ou seja, o desafio está na grande diversidade e heterogeneidade dos textos. (ADAM, 2022) Essa diversidade se expande com o surgimento de variadas possibilidades de construção textual, que podem acontecer pelos recursos oferecidos pelos meios de comunicação atuais e a interação.

Percorreremos por alguns conceitos de textos, iniciando pelas contribuições de Bakhtin (1997) que entende que o texto é uma representação do “pensamento e da emoção” e que “(...) onde não há texto, também não há objeto de estudo e de pensamento” (Bakhtin, 1997, p.330), o autor complementa dizendo que:

“O que nos interessa, nas ciências humanas, é a história do pensamento orientada para o pensamento, o sentido, o significado do outro, que se manifestam e se

apresentam ao pesquisador somente em forma de texto. Quaisquer que sejam os objetivos de um estudo, o ponto de partida só pode ser o texto.” (BAKHTIN, 1997, p.331)

Em outras palavras, tudo que é pensado é manifestado por meio de textos, sendo então o texto o ponto inicial dos estudos sobre língua/linguagem. Bakhtin entendia que a palavra estava relacionada e à disposição tanto do locutor quanto do interlocutor e que compreendia enunciados passados e presentes, fazendo os textos se cruzarem. (FARIA, 2014).

A perspectiva de Koch e Elias (2016) traz o texto como um produto complexo que envolve a comunicação humana e que se vale de operações linguísticas, sociais, interacionais e cognitivas. O que significa que tanto a produção quanto a compreensão de um texto estão baseadas em um processo de interação, inserido em um contexto social, ancorado em conhecimentos diversos como por exemplo a cultura, conhecimento de mundo e conhecimento linguístico. (KOCH; ELIAS, 2016)

Cavalcante (2019), baseada em Beaugrande (1997), compreende que “(...)o texto acontece cada vez que se enuncia, de maneira única e irrepetível, em um contexto sócio-histórico. Os elementos que imprimem sentido a um texto são, de fato, singulares para cada situação.” (p.28) A compreensão do texto como um evento singular vem sendo utilizada nos estudos do grupo Prottexto, onde essa ideia de singularidade acontece devido às atividades interativas dos interlocutores, processos comunicativos únicos, que são expressos por “(...)uma combinação de sistemas semióticos” (CAVALCANTE, 2019, p. 26) e que estão carregados de sentido.

Arelada a definição de texto temos a enunciação, que segundo Cavalcante et al (2022) é o ato de funcionamento da língua, onde o enunciado é a língua a ser utilizada por um falante, que ao anunciar produz sentido com o intuito de comunicar. Esse pensamento da autora é baseado em Benveniste (2005; 2006), em seus postulados o linguista apontou que “(...)a língua não tem sentido em si” (Cavalcante, 2022, p. 56), nos fazendo refletir sobre a importância dos elementos comunicativos para o funcionamento da língua e conseqüentemente para a produção dos enunciados e textos.

É por isso que cabe também pontuar como os recursos tecnológicos influenciaram diretamente na comunicação e trouxeram aspectos provenientes da ascensão do digital. É nesse momento, em que os estudos do texto buscam respaldo em teorias que abarquem completamente as novas tendências de produção de texto. São os estudos de Marie-Anne Paveau, linguista que estuda a análise do discurso digital, que apresentam o funcionamento pautado na necessidade de considerar a heterogeneidade dos textos, sobretudo no ambiente

tecnológico, pois diversos aspectos provenientes dele precisam ser considerados nas análises textuais. (Paveau, 2021)

Paveau, defende a perspectiva pós-dualista que evita as dicotomias tradicionais, como o linguístico e extralinguístico, discurso e contexto, mas pensa nelas como um continuum. Isto é, que os elementos constituintes da produção textual devem ser pensados de maneira integrada, inclusive no aspecto humano-máquina. Adotar novas perspectivas nos permite a compreensão dos discursos digitais nativos por uma perspectiva “(...) ecológica e integrativa, que reconhece o papel dos agentes não humanos nas produções languageiras” (Paveau, 2021, p. 31)

Visto que compreendemos como o texto necessita de novos aparatos para análise, no tópico seguinte, exploraremos as características do discurso digital proposta por Paveau (2021), nela encontramos um direcionamento para a análise de textos nativos digitais, também exploraremos os estudos de interação feitos por Muniz-Lima (2022).

2.2 Textos nativos digitais e a interação no meio digital

Ao escrever sobre discurso e tecnologia, Paveau (2021) afirmou que as ciências das linguagens estavam atrasadas quanto às reflexões necessárias sobre os universos digitais e as criações provenientes deles. Segundo a autora, os estudos eram pautados apenas na natureza languageira e logocêntrica, o que se difere da proposta pós-dualista.

Tal proposta consiste em considerar a participação integrada do languageiro e do extralinguístico nas produções textuais a partir da evolução das máquinas e a relação com os seres humanos e a comunicação, além de mostrar que a segregação homem-máquina inviabiliza a singularidade das formas produzidas pelos interlocutores juntamente às máquinas. (Paveau, 2021) Neste tópico buscamos compreender como a integração tecnológica e languageira se apresenta nas produções em ambiente digital e a necessidade de um olhar que alcance a nova realidade da comunicação e interação no meio digital.

Paveau aponta particularidades dos discursos digitais, aos quais chamaremos de textos nativos digitais. A autora evoca atenção para a ecologia da web como um passo fundamental para compreensão do universo digital. É indispensável entendermos a diferença entre *internet* e *web*, em que muitas vezes são confundidas ou vistas como a mesma coisa. A *internet* é uma rede de computadores interligados mundialmente e que serve a diferentes propósitos, um deles a *web*. Paveau (2021) traz a definição das diferentes *webs*:

(...) a web 1.0, ou web estática, desenvolvida nos anos 1990, conecta as informações e está assentada no sistema “push” de distribuição da informação (é a web dos

portais de informação e dos fóruns); a web 2.0, web social ou participativa, surgida no início dos anos 2000, conecta as pessoas e baseia-se na interação multi-agentes (é a web das redes sociais e do compartilhamento multimidiático); a web 3.0, web dos dados ou web semântica, que emerge no início dos anos 2010, assentada na curadoria, isto é, na coleta e na organização dos dados, organiza a web armazenando dados graças a metadados e privilegia as conexões móveis; falamos atualmente na emergência, para o ano de 2020, de uma web 4.0, web inteligente ou metaweb, que integraria uma dimensão conectada ao conjunto dos elementos do nosso ambiente de vida. (Paveau, 2021, p. 35)

As concepções de web nos permitem compreender onde está situado o *corpus* de análise desta pesquisa. De acordo com a definição, se trata da web 2.0., a web social, no qual o *corpus* não é estático, mas crescente e amplo. Ampliação é uma temática estudada por Paveau (2021), que explica que os ecossistemas oriundos do uso de computadores ampliam “(...) as capacidades de escrita dos humanos permitindo-lhes realizações que a mão e a caneta não permitem, e abrindo-lhes novas possibilidades de expressão e de comunicação.” (Paveau, 2021, p. 53) Com a ampliação, se torna necessário rever o conceito de enunciador, já que não existe mais apenas um enunciador a quem podemos designar a fala, mas com comentários, compartilhamentos há uma expansão da escrita e outros indivíduos participam da construção dos enunciados.

A Linguística Textual reconhece as seis características dos textos nativos digitais, propostas por Paveau (2021), como contribuintes para uma análise mais eficaz de textos produzidos no ambiente digital, elas são: **composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade.**

A composição é a característica que apresenta heterogeneidade, isto é, que em sua composição manifesta um “hibridismo semiótico” (p.58), em outros termos, há uma mobilização simultânea e múltipla de elementos semióticos que compõe o processo de significação em textos digitais, como podemos ver no exemplo a seguir:

Figura 1 - postagem do perfil marmitasfitr



fonte: *Instagram* - @marmitasfitrr. Disponível em:
<https://www.instagram.com/marmitasfitrr?igsh=MWRoOHPoG1kajFxdQ==>

Os elementos semióticos de **composição** da postagem são combinados com a finalidade de comunicar algo, no caso do exemplo é a divulgação de vendas de marmitas *fitness*. Na rede social *Instagram*, postagens no *feed* são feitas a partir do uso de recursos imagéticos como fotos estáticas ou vídeos, portanto, temos a imagem do que está sendo oferecido pelo empreendimento de marmitas, o texto verbal também constitui a imagem com o intuito de nomear cada preparação da foto.

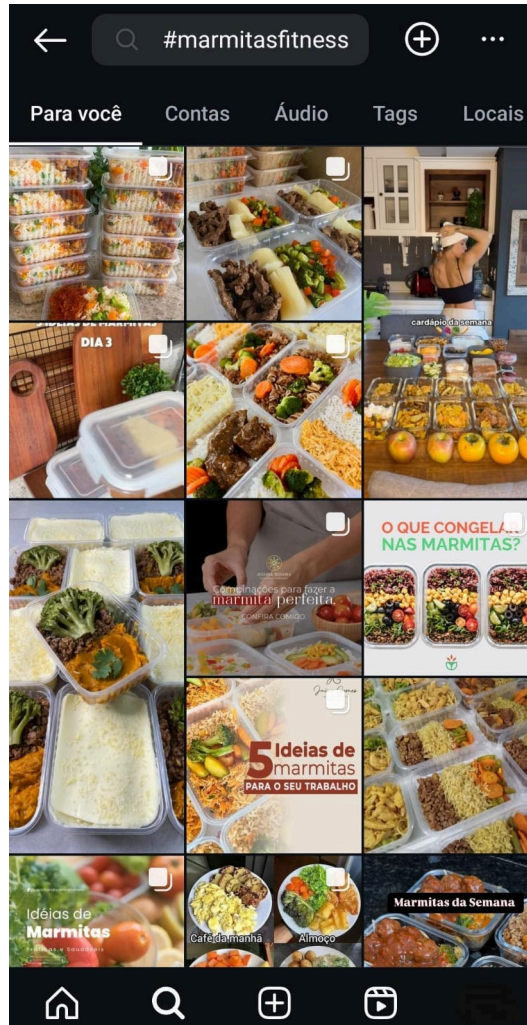
Além disso, o texto predomina a legenda, mas conta com outros elementos, como os emojis e as hashtags, que facilitam a localização desse serviço ou conteúdo. Não é possível perceber por meio da captura de tela o elemento sonoro que foi também colocado no *post*, o uso desse e outros recursos reforçam a natureza compósita dos enunciados digitais.

A próxima característica é a **deslinearização**, propriedade que define a não linearidade dos textos digitais, ou seja, não segue a sequência linear como os textos pré-digitais seguiam. E vale-se do uso de hiperlinks, por exemplo, ou outros recursos que levam o interlocutor a um ambiente diferente. Essa característica também está na arquitetura de algumas redes sociais, como o X (antigo twitter).

Em 2014 a rede social criou a ferramenta *thread* (fio) para que os seus usuários, limitados pelos 140 caracteres disponíveis para textos, pudessem dar continuidade ao seu enunciado, criando assim uma continuação ou linearização. (Paveau, 2021) Porém, ainda que o recurso de linearizar as postagens exista, cada comentário feito dentro da *thread* e respondido pelo autor do tuíte inicial cria um novo fio e apresenta novos enunciados, com uma nova situação comunicacional e permite comentários de outros interlocutores, e que muitas vezes não contempla todos os comentários envolvidos na resposta, restabelecendo a deslinearização.

Retomando a figura 1, identificamos o uso de um elemento clicável, as hashtags, que também caracterizam a deslinearização, pois a partir delas somos redirecionados para um espaço da rede social *Instagram* que reúne postagens diversificadas de perfis distintos e com diferentes conteúdos, entretanto abordam o mesmo tema. Como vemos na imagem a seguir, a hashtag #marmिताfitness nos leva a postagens com imagens de marmitas prontas, ideias de cardápio diversificado para preparação das marmitas em casa, informações sobre congelamento de marmitas e alimentos.

Figura 2 - conteúdo no espaço digital #marmitasfitness no *Instagram*



fonte: *Instagram*

Os elementos clicáveis atuam como facilitadores do acesso a novos ambientes digitais que contribuem para a experiência dos usuários, tornando o percurso fragmentado e não linear, mas também permitem uma navegação mais dinâmica e interconectada.

A terceira característica proposta por Paveau é a **ampliação**, que se concentra na interatividade e nas produções colaborativas em um único espaço enunciativo, com a diferenciação dos enunciadores por meio de identificações. O @ (arroba) é o elemento que facilita a identificar cada um dos interlocutores. Essa concepção permite entendermos como o discurso toma outras proporções, há a expansão do conteúdo por meio de comentários ou compartilhamentos, colaborações e interações, que resulta em um público maior alcançado e assim novos significados surgem.

A **relacionalidade**, como o seu próprio nome indica, é uma característica em que o foco é a relação que pode acontecer entre textos (discursos), devido a hipertextualidade da *web*; entre o texto e as máquinas, devido a natureza compósita e coprodução com a máquina e a relação entre o texto e os escritores, que acontece devido a possibilidade, dada pelo

aparelho, de não ser apenas mais um leitor passivo, mas contribuir com comentários e interações, isso reflete no que é criado, já que depende da perspectiva de cada usuário fazendo com que cada um tenha uma experiência única do mesmo texto.

Segundo Paveau (2021), a **relacionalidade** é um traço estrutural dos discursos nativos digitais, e é importante entendermos que ela “(...) é material e automática, e não depende das marcas de intertextualidade ou de analogias provindas da competência interpretativa do analista.”. (p. 33) ou seja, é um atributo que muda a perspectiva das relações entre os textos, que antes se davam-se pelas marcas intertextuais e interpretação dos indivíduos, mas agora já é caracterizada pela própria arquitetura da rede. Um dos maiores exemplos são os comentários, ainda que não se restrinja apenas a isso, pois está presente também nos compartilhamentos. Uma consequência da relacionalidade é “(...) uma multiplicação desmedida da circulação dos enunciados *on-line*.” (Paveau, 2021, p.34)

Ademais temos a **investigabilidade**, que é a capacidade de investigar, localizar e coletar os textos dentro do ecossistema nos quais estão inseridos, por serem inscritos de forma material, podem ser recuperados por meio de ferramentas de busca e mantidos por um longo período. A base para a investigabilidade são os metadados, essas informações fazem parte dos textos quando ainda não estavam no ambiente digital, e aconteciam por meio do que são chamados, paratextos¹.

Nos textos digitais, conforme Paveau (2021), os metadados estão inscritos no próprio código, ou seja, não compõe um dado específico como por exemplo um título ou índice, mas torna rastreável por meio de palavras chave, dados do autor, data e até mesmo *tags* que identificam o texto ou conteúdo.

Por fim, a **imprevisibilidade**, característica que marca a incapacidade de previsão do resultado do que é publicado pelo enunciador-escritor, pois seu discurso pode ser compreendido de diversos modos, compartilhado e comentado com diferentes perspectivas, além das redocumentações possibilitadas pela *web* participativa, ou seja, o envolvimento de outros internautas no que foi produzido, essas modificações da participação findam até em mudanças de ecossistema.

A circulação também não é algo do controle do enunciador, já que os responsáveis pela entrega de conteúdos e disseminação das publicações são os algoritmos e os sistemas de gestão de conteúdo (SGC). Isto significa que o que foi produzido inicialmente pode ser

¹ textos que fornecem informações contextuais e ajudam a categorizar o conteúdo, mas não estão integrados no corpo principal do texto, tais como títulos, índices, bibliografias, prefácios etc

influenciado pela difusão ou atuação de outros enunciadores, ou não, e resultar em um formato final diferente. (Paveau, 2021)

As características elaboradas por Paveau são úteis para a compreensão do funcionamento dos tecnodiscursos, mas também para a renovação de perspectivas relacionadas à linguagem, já que há a necessidade de adaptação às consequências da inserção de tecnologias digitais na interação. (Costa, 2024)

No campo da interação temos os estudos de Muniz-Lima (2022), dentro da Linguística Textual, que abordam esse cenário de influência da tecnologia na comunicação. Partindo da teoria de Paveau, a pesquisadora também se apoia na abordagem pós-dualista e explica que a interação tomou maiores proporções quando os interlocutores começaram a produzir sentido entre si e com as máquinas, essas interações saíam do campo apenas da fala e escrita e chegaram a “(...) outros sistemas semióticos, as mídias e os suportes digitais, com altos níveis de engajamento, trocas dialogais e rápido tempo de resposta.” (MUNIZ-LIMA, 2022, p.9)

O que a autora propõe é um novo olhar para a interação, que no contexto digital pode ser observada a partir da mídia, suporte, níveis de interatividade e sistemas semióticos dos envolvidos, portanto, a maneira como a interação acontece pode variar a produção de sentidos. É importante para esta análise, ter em mente que cada um desses aspectos conduzem a um tipo de interação e permite que isso interfira no sentido que produzido.

Para trabalhar a ideia de interação, a autora teve que percorrer um caminho multidisciplinar, explorando como a interação é vista em áreas e/ou disciplinas distintas, uma vez que a interação se apresenta como algo inerente ao ser humano. A pesquisadora traz exemplos de interação para algumas disciplinas, como na filosofia em que Descartes explica a interação como uma atuação mútua de corpo e mente, já no ramo da medicina, o profissional da saúde compreende interação como o funcionamento de medicamentos administrados ao mesmo tempo, para a engenharia civil é levantada a questão da interação entre materiais em construções. De qualquer maneira, reafirmamos que a interação é intrínseca à experiência humana. (MUNIZ-LIMA, 2022)

O sociólogo Erving Goffman (1964) é citado pela autora como o teórico mais relevante quanto aos estudos de interação face a face, a sua definição de interação destaca um ponto interessante a respeito da influência que os participantes exercem um no outro, ainda que o autor esteja se referindo a interações físicas, Muniz-Lima amplia o sentido dessas relações de comunicação para abranger todo tipo de contato recíproco. Isso significa que a autora concorda com a visão geral sobre a interação, e que ela corresponde a uma “(...) ação

recíproca e de comunicação” (MUNIZ-LIMA 2022, p.15), que se assemelha à troca de elementos e conta com a participação de mais de um componente envolvido.

No que se refere a **participantes**, Muniz-Lima ainda traz o entendimento de Goffman, que chama de participantes não ratificados aqueles que não tem envolvimento direto na interação. Dentro do contexto de interação digital, assim como fora dele, esses participantes não atuam de maneira direta, mas se utilizam de gestos funcionais, como por exemplo as redes sociais, que permitem a interação ativa comentários que permitem o uso dos emojis, imagens estáticas ou não, além do texto verbal. Mas também proporcionam a interação por meio de curtidas, reações e até mesmo pelo ato de salvar o conteúdo em uma pasta específica de fácil acesso.

Nesta investigação se faz é essencial retornarmos aos aspectos de análise da interação digital propostos por Muniz-Lima. Quanto ao conceito de mídia, a autora traz a concepção de Rieffel (2005), em que ele afirma não ser possível ter uma definição precisa de mídia, por conta dos muitos usos do termo em diferentes campos, como o político, na própria mídia e no senso comum. Esse conceito é muito próximo do conceito de suporte, pois é recorrentemente entendido como o meio de transmissão de informações. (MUNIZ-LIMA, 2022) Mas a autora completa que devemos entender a mídia como parte de da interação, não apenas como um moderador:

(...) pois ela mesma se constitui como parte fundamental do processo de construção de sentidos, disponibilizando ferramentas as mais diversas que se integram às nossas ações linguageiras cotidianas e geram efeitos de sentido na tentativa de influenciar o outro. (MUNIZ-LIMA, 2022, p. 89)

Nas mídias a interação se dá pelo contato do interlocutor com a própria mídia e os recursos oferecidos por ela, tais recursos variam de acordo com as mídias e, muitas vezes, do suporte. E assim como constatou Goffman, nas interações digitais com a mídia há a possibilidade de uso de gestos tecnolinguageiros, como por exemplo as reações a publicações na mídia *Facebook* ou reações à *stories* no *Instagram*.

As reações conferem aos interlocutores o controle de produção de sentido, isto porque os emojis das reações expressam um sentimento em relação ao que foi postado, além de promover um envolvimento mais ativo do interlocutor. Conforme Muniz-Lima (2022) são exemplos de mídia: “(...) a *internet/web*, as redes sociais, os aplicativos, os softwares, os sites, as tecnologias radiofônicas, televisivas, impressas, entre outras (...)” (p.92)

Mídias que possuem organização complexa e dinamismo são chamadas de ecossistemas, algumas delas são populares, como o *YouTube* e o *Instagram*. (MUNIZ-LIMA,

2022) A mídia é muito mais do que o meio para a produção de textos e sentidos, mas também contribui para a integração dos interlocutores uns com os outros. Isso é refletido em como cada mídia social é vista e buscada.

O *YouTube*, por exemplo, é visto como o local onde podem ser feitas pesquisas sobre diversos assuntos, onde encontramos músicas e vídeos de artistas, receitas, vlogs dos mais variados assuntos, como viagem, dia a dia, maquiagem, eventos, entre outros. Por outro lado, o *Instagram* é a mídia que ganhou uma enorme popularidade pelo uso do imagético, já que a proposta inicial da rede social era a conexão por meio da fotografia, ainda que tenham sido adicionadas outras formas de interação, a predominância é da imagem, estáticas ou vídeos.

Em sua tese, Muniz-Lima (2022) apresenta alguns conceitos de suporte que ajudam a sustentar a ideia de que suporte e mídias estão estritamente associados, isso acontece porque, consoante Marcuschi (2003), o suporte é o local que atua como base concreta para o gênero, e em contexto digital propicia a circulação dos gêneros e mídias.

Outros dois autores são citados pela pesquisadora como contribuintes para essa ideia, onde Bonini (2003) aponta o suporte como o aparelho onde circulam os gêneros e que possui três características: a organização, produção e recepção da mídia e Lima (2013) arremata ao concluir que os suportes são dispositivos onde são feitos registros, armazenamento que permitem acesso aos gêneros.

De toda maneira, o suporte é visto como uma ferramenta de mediação entre as mídias e o usuário, e que apresentam dinâmicas distintas de interação, de acordo com os tipos de suporte, que no contexto digital geralmente são os *smartphones*, computadores e tablets. Assim como exemplifica Muniz-Lima (2022) ao comparar a tela de um computador, com a tela de dispositivos menores, como o smartphone:

Os sentidos que se pode construir com o computador podem ser influenciados, como vimos, pelo tamanho tela, que impõe uma visualização mais ampla de alguns recursos semióticos, além de permitir a visualização de um compósito maior de gêneros e de botões da mídia. (MUNIZ-LIMA, 2022, p. 119)

Em síntese, ainda que a mídia a ser utilizada seja a mesma, o suporte em que ela estiver proporciona diferentes perspectivas que contribuem para a construção de sentidos dentro do contexto digital.

A definição de interatividade, assim como outros termos dentro das ciências da linguagem, não é unificada. Mas o que os pesquisadores das Ciências da Comunicação conseguem concordar é que há uma participação ativa dos envolvidos na comunicação. Com base em Muniz-Lima (2022), a definição de interatividade como “(...) um aspecto

tecnolinguageiro da interação que implica executar ações diretas, ativas e síncronas entre interlocutores no processo de construção de sentidos” (p. 124) Dentro do fenômeno da interação foram constatados os níveis de interatividade em contextos digitais, que acontecem pelo controle do conteúdo, o caráter dialogal e a sincronicidade.

O controle de conteúdo está relacionado a capacidade controle ou reação a textos no ambiente digital, por meio da edição, exclusão ou compartilhamento, mas também pode acontecer pela restrição de ações do próprio autor do texto, seja por meio de uma conta de acesso privado, ou pela limitação de comentários. (MUNIZ-LIMA, 2022) Observamos também que o controle de conteúdo conta com o entendimento pós-dualista, pois há uma ação conjunta, disponibilizada pela mídia e colocada em prática pelo ser humano que resulta na produção de sentidos.

O caráter dialogal é marcado pela oportunidade dos interlocutores de realizar trocas de turnos e constituir um diálogo. Muniz-Lima e Custódio-Filho (2020) apresentam o que chamam de gestão de vozes, onde a interação monogerida é controlada pelo locutor e a poligerida conta com a participação do usuário que é ambos locutor e interlocutor e coopera com a construção do texto através da interação.

O aspecto da sincronicidade está relacionado ao tempo de resposta na interação, revelando o grau de engajamento ativo durante a interação. (MUNIZ-LIMA, 2022) Ou seja, quanto mais engajado, significa dizer que menos tempo levou para que o conteúdo chegasse a outros usuários que engajam e aumentam as chances de interatividade.

Por fim, os sistemas semióticos são estruturas complexas que são usadas na interação que integram diferentes formas de comunicação, abordados por Muniz-Lima (2022), eles são divididos em 4: **sistemas semióticos escrito, oral, imagético, gestual e sonoro.**

Tais aspectos retomam a ideia da simbiose linguagem-máquina na construção de sentidos no contexto digital. Esses sistemas são parte, e essenciais, da interação humana, o ponto mais importante é a capacidade de construção de significados a partir de ferramentas oferecidas por tais sistemas, pois eles são utilizados para contribuir com a interpretação, e interferindo na relação dos envolvidos na interação.

A compreensão do funcionamento das interações no meio digital é essencial para a análise do nosso *corpus*, situado na rede social X. A situação comunicacional escolhida demanda uma atenção especial à dinâmica das interações, uma vez que é por meio delas que se dá a manutenção e a progressão dos sentidos, que também conta com a intertextualidade, que contribui na produção de sentidos e configuração do texto presente no *corpus*. No

próximo tópico abordaremos o funcionamento da rede social X relacionando a interação de fãs na rede social.

2.3 Como acontecem as interações na rede social X e interação de fãs

Com a popularização das redes sociais, tivemos mudanças significativas na maneira de nos comunicar, além de se diferenciar das interações cara a cara, a *internet* e as redes sociais proporcionam recursos que afetam a maneira que acontecem as trocas de ideias, moldam o humor, padrões de beleza e o comportamento dos internautas por trás das telas.

Cada rede social possui suas características particulares que a distingue das outras, proporcionando uma experiência diferente em cada uma. Por seu caráter social, essas plataformas valorizam a interação entre seus usuários, que ocorre de acordo com a arquitetura da rede, nas quais cada uma tem seu foco, refletindo diretamente nos conteúdos produzidos. Além disso, a arquitetura do ecossistema influencia a forma como recebemos as informações e as possibilidades de interação.

Uma característica em comum das redes sociais é a efemeridade, a velocidade da disseminação faz com que o assunto seja veiculado de forma quase instantânea, entretanto, ao passar dos dias é comum que outros assuntos mais atuais substituam um conteúdo por outro. A ferramenta peculiar de assuntos em alta, permite os usuários do X que apreciem novidades, mas também revisitam assuntos eventualmente, como por exemplo no período festivo do natal, em que a música *All I want for christmas is you* da cantora Mariah Carey fica entre os assuntos mais comentados em todas as plataformas.

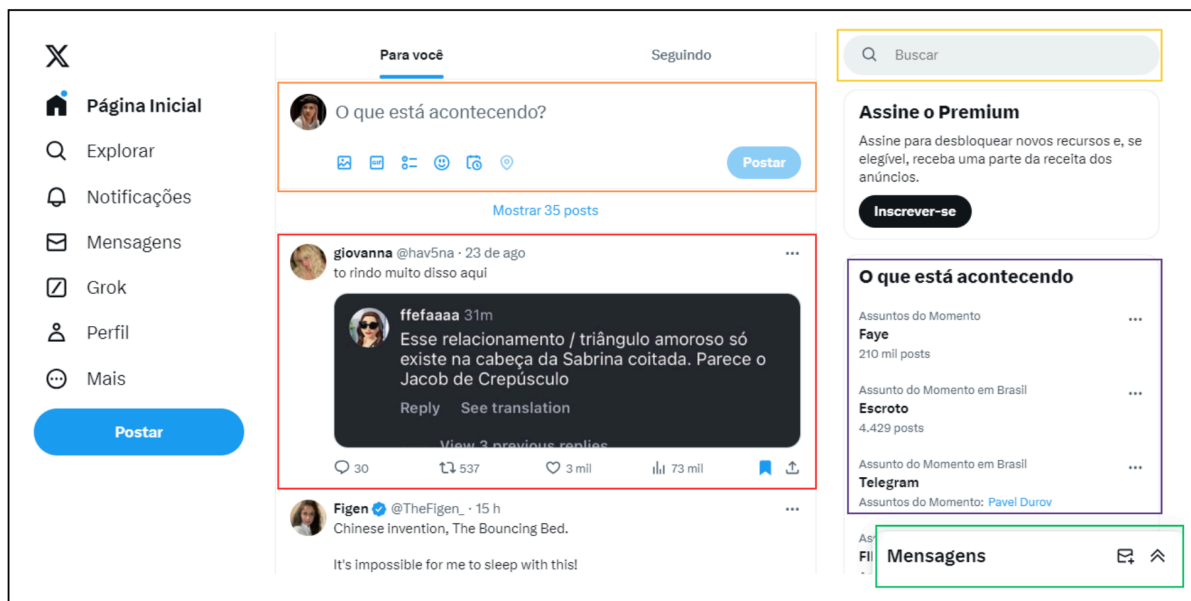
O *corpus* de análise desta pesquisa foi retirado do X, que foi criado com o objetivo de permitir que os usuários compartilhassem atualizações sobre o seu cotidiano com amigos e familiares². O foco da rede social era a rápida disseminação de informações com o uso de textos escritos, ao decorrer das atualizações foi incorporado o uso de imagens, entre outros recursos multissemióticos.

O público alvo do X é variado, incluindo desde celebridades ao público geral, fazendo com que o seu uso principal dependa do tipo de conteúdo que o internauta pretende consumir, assim como o público alvo, os conteúdos vão de notícias, assuntos do momento e tendências até atendimento a clientes, organização de movimentos sociais e engajamento de comunidades específicas, como os fãs.

² ANCHORWAVE. The Origins Of Twitter | Pennington Creative. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://penningtoncreative.com/the-origins-of-twitter/#:~:text=The%20origins%20of%20Twitter%20date.similar%20to%20sending%20text%20messages> . Acesso em: 16 de agosto 2024.

O funcionamento da rede social gira em torno das interações e compartilhamentos que podem ser feitas nos mais diferentes suportes, como afirma Muniz-Lima (2022). Para esta análise do *corpus* utilizamos capturas de tela feitas no *smartphone*, porém na figura a seguir veremos os principais recursos desse ecossistema a partir da captura de tela do computador. Esse suporte permite que o X apresente suas principais funcionalidades de maneira mais visível. Vejamos:

Figura 3 - Página inicial do X no computador



fonte: captura de tela do X da autora

De forma geral, a interface é intuitiva, em laranja, conta com o espaço de criação, onde é possível elaborar um texto escrito acompanhado de imagens estáticas, ou em movimento (GIFs e vídeos), enquetes, entre outros recursos. Em amarelo temos o tecnobotão “buscar”, onde palavras-chave, # ou @ podem ser utilizadas com o intuito de localizar um usuário, assunto ou postagem específica. Essa ferramenta de busca está atrelada a **investigabilidade** proposta por Paveau (2021).

Destacado em roxo temos os assuntos em alta, marcados por hashtag ou apenas palavras-chave, os conteúdos mais comentados do momento são listados a fim de facilitar o acesso dos internautas às informações em evidência. Em verde tem destacado o recurso do mensageiro que faz parte do X, nele é possível manter conversas em grupo ou individuais.

Em vermelho temos o tuíte, nome dado às postagens feitas no X, é nele que encontramos a possibilidade de interação por meio de textos e/ou gestos tecnolinguageiros. Podemos notar pequenos ícones na parte inferior do tuíte destacado, o primeiro é o balão de fala que redireciona para os comentários e possibilita a interação no *post*.

Ao lado direito temos o tecnobotão que oferece as opções de retuitar, onde a publicação é replicada no seu perfil sem modificações, e retuitar com um comentário, onde é possível citar o *post* desejado e fazer os comentários. Ao clicar no ícone de coração indica que o conteúdo lhe cativou, o número de visualizações do post vem logo à direita, e para finalizar vemos os botões de salvar, que permite manter o *post* na pasta “salvos” e facilita o acesso posterior, e o de compartilhar em outras redes (sociais).

Como vimos, os gestos tecnolinguísticos possibilitam a criação de diversas produções textuais a partir da perspectiva pós-dualista, muitas vezes motivadas por tópicos atuais ou pelas intenções específicas dos usuários na rede social. É comum o surgimento de perfis com objetivos pré-definidos, como o de compartilhar e discutir opiniões sobre temas específicos, que podem incluir artistas, esportes, filmes, livros e outros interesses.

Dentro dessas categorias, os fãs ocupam um lugar de notoriedade, passam de usuários que comentam sobre tópicos em geral, incluindo a vida profissional do artista a criadores de conteúdos, o que resulta em perfis completamente dedicados ao(s) artista(s) em específico, as chamadas *fan accounts*.

Henry Jenkins (2015) desenvolve um estudo sobre a cultura da convergência e levanta questões interessantes sobre a mídia e a participação dos fãs na disseminação de conteúdos relacionados a cultura popular, mas o ponto a ser, superficialmente, citado por nós neste trabalho é a cultura de fã e como ela se utiliza dos recursos midiáticos para desenvolver esse papel.

Justamente pelo advento da web 2.0 e a popularização das redes sociais, os fãs receberam ferramentas necessárias para se conectarem aos universos ficcionais e de seus ídolos, aos quais devotam seu tempo e recursos. O fato é que as plataformas digitais abriram caminhos para a facilidade na troca de informações e a manutenção da participação dos fãs nas suas esferas de interesse.

Então, Jenkins traz o conceito de cultura participativa, aproximando os produtores e os consumidores de conteúdo, de modo a não distinguirmos mais com tanta facilidade os papéis de cada um, isso remete ao discurso digital pois o indivíduo não é mais possível separar completamente o locutor do interlocutor, ambos têm participação mútua na produção dos textos.

Com isso, consideramos importante ter pincelado, brevemente, sobre a cultura de fãs, pois nosso corpus está inserido nesse ambiente. Nesse meio, a interação entre fãs não apenas rende novos textos, mas também constitui uma rede complexa de significados e contribuições mútuas que enriquecem a análise textual. A cultura de fã é uma área abundante para a

intertextualidade, pois cada nova criação sofre a influência de textos anteriores, e que continuam o ciclo. Esse ciclo contínuo de produção e influência recíproca torna a intertextualidade um elemento crucial para entender a dinâmica dos textos que compõem o nosso objeto de estudo. Com isso, pegamos o gancho para o próximo tópico, que discutiremos a intertextualidade, mas até, faremos um breve percurso percorrido pela intertextualidade até chegar em Carvalho (2018), base da nossa classificação, com as contribuições da tecnodiscursividade nas classificações intertextuais propostas por Costa (2024).

2.4 Intertextualidade

Ainda que baseada no dialogismo, a intertextualidade não foi um termo utilizado por Bakhtin, mas apresentado por Julia Kristeva que considerou que “(...) todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto ” (Kristeva, 2005, p.68). Na linguística textual o conceito de intertextualidade ganha aplicabilidade ao abarcar a “(...) relação entre unidades convencionadas como texto, ou entre padrões de gênero manifestáveis por textos.” (Faria, 2014, p. 28)

Portanto, consoante Cavalcante:

Consideramos como ocorrências intertextuais o diálogo entre (partes de) textos específicos, entre parâmetros de gêneros ou estilo(s) de autor(es), além da remissão mais difusa a um conjunto de textos, podendo essas ocorrências serem ou não reconhecidas pelo interlocutor. (Cavalcante *et al*, 2020, p.105)

O quadro teórico das intertextualidades, como conhecemos atualmente na LT brasileira, teve sua primeira organização proposta por Genette (2010), com os estudos sobre transtextualidade e tratava de cinco relações textuais, sendo elas: **a intertextualidade, a paratextualidade, a hipertextualidade, a metatextualidade e a arquitextualidade.**

Logo depois houve uma tentativa de refinamento por Piègay-Gros (2010), que buscava aprofundar a compreensão da intertextualidade. Faria (2014) renovou o escopo de análises ao trazer textos fora do contexto literário, em seguida Cabral (2014) traz uma contribuição ao cunhar a classificação da intertextualidade em ampla e estrita, ele pontua em sua tese: “(...) penso ser adequado chamar de intertextualidade ampla os casos em que a relação se constitui entre um texto e vários e intertextualidade estrita os casos cuja relação se dá entre um texto e outro.” (p. 101) e adiantou a nomenclatura, que mais a frente, seria usada no trabalho de Carvalho (2018) de classificação dos fenômenos textuais.

Em sua tese, Carvalho (2018) propõe o preenchimento de algumas lacunas a respeito da intertextualidade e apontou que o estudo da intertextualidade traz reflexões em algumas

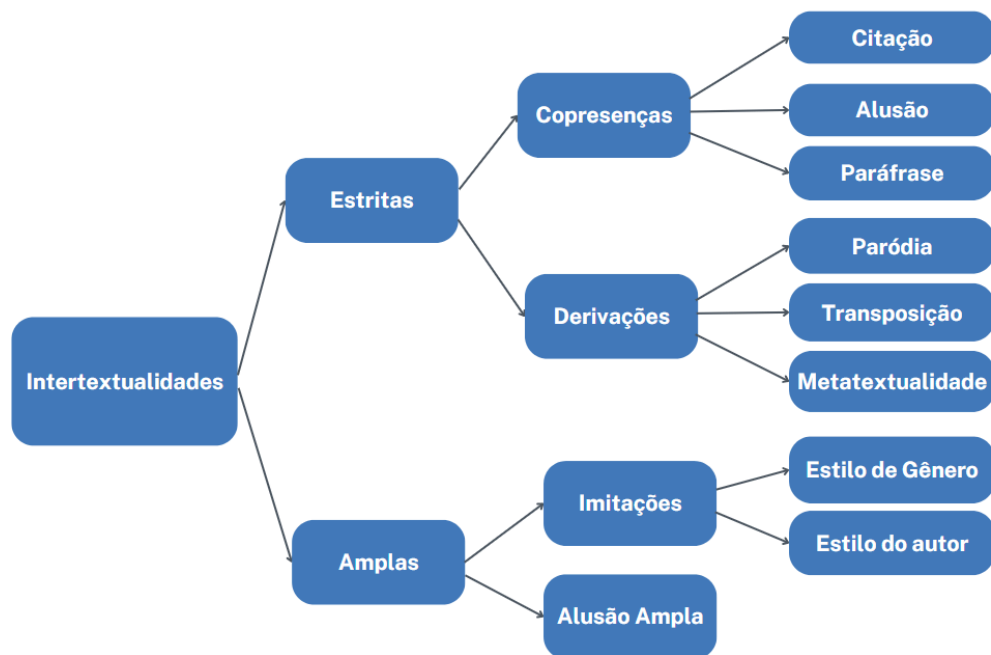
áreas da Linguística, isso acontece “(...) em virtude de sua produtividade para a construção dos textos e dos sentidos.” (p. 11). Em outras palavras, a intertextualidade carregava o potencial para a construção de textos e produção de sentidos, proporcionando enriquecimento das produções e a ampliação de interpretação e compreensão de textos.

Para Carvalho (2018) as intertextualidades se subdividem assim como propôs Cabral (2014), em amplas e estritas e a autora as define da seguinte forma:

(...) i) estritas, dadas pela inserção efetiva de parte(s) de um texto em outro ou pela transformação/derivação de um texto específico ou de partes dele em outro texto e ii) amplas, dadas pela retomada não de um texto específico em outro, mas por uma marcação menos facilmente apreensível, porque mais difusa e relativa a conjuntos de textos, verificada por indícios atinentes à forma composicional de um padrão de gênero; ao estilo de um autor deduzido de vários de seus textos ou a uma temática particular divulgada por diversos textos. (Carvalho, 2018, p.81)

No esquema concebido a partir de Carvalho (2018) temos as seguintes categorias de ocorrências intertextuais:

Figura 4 – Classificação das intertextualidades estritas e amplas



Fonte: Carvalho (2018)

De acordo com o quadro, as intertextualidades estritas se dividem em copresença e derivação. Nas intertextualidades estritas de copresença temos a citação, alusão e paráfrase. A citação, conforme Carvalho (2018), “(...) é a ocorrência intertextual geralmente mais explícita (marcada por verbo dicendi, dois pontos, aspas, itálico, recuo de margem, fonte reduzida) e sempre literal”. (p.85) A alusão estrita é “(...) caracterizada pelas menções indiretas” (p. 86), conforme Cavalcante (2020), citação e alusão se diferem justamente pela presença da

creança rapidamente. No texto original, há um bilhete com instruções para Alice, o desenho mostra uma Alice adulta, no seu mundo de responsabilidades com bilhetes em todas as responsabilidades da vida adulta, como por exemplo o chão com o bilhete “varra-me”, o *cupcake* aparentemente estragado sinalizado “não me coma”, os boletos acompanhados de “pague-nos” e outros. O humor vem da quebra da expectativa de encontrar um mundo trivial, com afazeres simples como tirar migalhas das cadeiras, descongelar o refrigerador ou lavar as louças, ao invés do mundo de maravilhas cheio de coisas fascinantes a serem exploradas.

A transposição é a categoria em que acontece a transformação de um texto em outro, sem viés humorístico e com a melhor preservação da essência do texto-fonte. A autora aponta que a transposição geralmente ocorre de “(...) situações em que se operam passagens genéricas e suas decorrentes adaptações.” (CARVALHO, 2018, p. 95)

Carvalho (2018) e Cavalcante et al (2022) compartilham da mesma concepção da metatextualidade como a categoria em que a relação estabelecida entre textos é baseada em comentário/crítica/avaliação. Cavalcante et al (2022) ainda acrescenta o fato de as interações *online* permitirem comentários de forma mais simples contribui para a manutenção da metatextualidade, já que ela consiste, em termos, em um texto inteiro a partir de outro com o intuito de comentá-lo.

Cavalcante *et al* (2022) fez uma consideração importante a respeito dos processos intertextuais de copresença e derivação ao declarar que eles não são ausentes um do outro, na verdade as copresenças são recursos para a constituição das derivações. Devido a maior explicitude das copresenças é possível percebermos a junção dos processos intertextuais por meio de textos onde a explicitude da copresença inicia o processo de recuperação do texto-fonte, mas ainda assim podemos ver o processo de derivação pela transformação do texto, como na figura 5, onde a roupa característica e o nome da personagem indicam a copresença, mas o ambiente e os textos verbais indicam a derivação.

Ainda seguindo o quadro de classificação de Carvalho (2018), a intertextualidade ampla é a outra ramificação proposta. A autora defende a **divisão das intertextualidades amplas “i) pela imitação de parâmetros de gênero; ii) pela imitação do estilo de autor e iii) pelas alusões a textos não particulares.”** (p.98) A autora propõe que a imitação de gêneros acontece não pela recuperação de um texto, mas dos padrões de gêneros que remetem facilmente a uma coleção de outros textos historicamente cristalizados.

Imitação do estilo de autor consiste no uso consciente de características de criação de um determinado autor. A imitação pode ser considerada singular ou coletiva, a depender se o estilo imitado é de um autor específico ou de vários autores que seguem o mesmo estilo.

(CAVALCANTE ET AL, 2022) Sob o mesmo ponto de vista, o efeito de individualidade é determinante para a imitação do estilo de autor, já que é a partir das particularidades do autor que sua imagem é criada.

Por fim, Carvalho (2018) chama de alusão ampla aquilo que “(...) se refere à menção não a um texto específico, mas a um conjunto de textos, ou a uma situação partilhada coletivamente em uma dada cultura, manifestável por textos diversos.” (p. 107) Ou seja, não existe um texto a qual podemos recorrer como fonte, mas sim a textos ou fatos que foram grandemente propagados.

A classificação feita por Carvalho (2018) guia os trabalhos dentro da Linguística Textual em termos de análise, e ainda que tenha considerado textos em geral, não incorpora completamente os textos criados em contexto digital, não pela não eficiência da organização, mas pelo progresso nas formas de comunicação, que culmina na necessidade de adaptação e preenchimento de algumas lacunas. O trabalho de Costa (2024) apresenta essa complementação dos processos intertextuais no ambiente digital, que acompanham a evolução da realidade digital, no tópico a seguir veremos as classificações do fenômeno intertextual no ambiente digital.

2.5 Intertextualidade no contexto digital

Os estudos dos processos intertextuais foram iniciados com o intuito de analisar a relação entre textos literários, em seguida foram atribuídos a textos em geral e que agora são parte do cotidiano digital, tornando necessário o reconhecimento da perspectiva digital. Em seus estudos, Costa (2024) considera a proposta de Carvalho como atual, porém entende a demanda de adaptações às percepções sobre intertextualidade considerando a concepção pós-dualista de Paveau. Com isso, a autora propõe que ainda que já existam caracterizações que alcançam os recursos multissemióticos dentro da intertextualidade, há a necessidade de analisar gestos languageiros que advém do hibridismo humano-máquina.

Ancorada em Paveau, a pesquisadora traz o conceito de algoritmo, que é definido como um participante ativo da intertextualidade, isso acontece pelo papel desenvolvido por esses cálculos. Segundo Paveau (2021, p.39), os algoritmos atuam como organizadores, classificadores, buscadores e que hierarquizam as informações nas redes, mais precisamente na web 2.0. São os algoritmos que permitem à máquina interagir com o homem utilizando os textos que foram previamente processados. (Costa, 2024) Sendo assim, a pesquisadora

conclui que todos os textos podem ser intertextuais, pois a máquina é treinada para ser capaz de recuperar textos e assim operar processos intertextuais.

Ademais, a autora aponta o compartilhamento de conteúdos, o uso de recursos clicáveis como a *hashtag*, a conexão dos comentários com a primeira publicação, entre outros, como aspectos que devem ser levados em conta no momento de descrever as intertextualidades no contexto digital, pois muitas vezes essa possibilidade de diálogo entre textos são disponibilizados pelo próprio ecossistema.

Ao discorrer sobre a *hashtag*, Costa retoma a definição de Paveau (2021) em que o signo # aparece precedido de um segmento linguageiro e que transforma o segmento linguageiro em um elemento clicável, capaz de levar o usuário a outros ambientes digitais. Esse elemento clicável é visto como um elemento composto pois une características linguageiras e características tecnológicas, para além disso, contribui no meio digital com as funções de marcação, pois é capaz de mencionar eventos, pessoas ou temas para serem vistos por outros e se envolverem em uma interação com o conteúdo; a função de redocumentação, onde os textos podem ser retomados, é parte dos ecossistemas que disponibilizam esta função e a função de rastreabilidade permite que os conteúdos marcados com o # sejam facilmente acessados. (Costa, 2024)

O arroba se diferencia da *hashtag* pelo tipo de convocação que realiza: enquanto o # permite a associação de diferentes tópicos/temas, o @ apresenta uma especificidade relacionada a alguém. Portanto, o arroba é geralmente utilizado para uma pessoa e redireciona o usuário ao perfil, onde mais informações sobre essa pessoa são agrupadas.

Também é possível utilizar o arroba para mencionar alguém para participar de uma interação por meio de comentários ou outros gestos tecnolinguageiros. De qualquer forma, esses elementos clicáveis integram o ambiente digital e facilitam a navegação e a interação entre os usuários.

Nesta pesquisa tratamos da intertextualidade e interação como estratégias de construção de sentido, os gestos tecnolinguageiros, apontados por Costa (2024), também contribuem para a manutenção desses aspectos e são eles “(...) os tecnobotões, os *emojis*, os *GIFs*, os *stickers* e outras formas de elaboração de textos multissemióticos em ambientes digitais” (p.64) todos utilizados, para de alguma maneira, transmitir reações, emoções ou informações instantâneas.

A fim de fundamentar melhor a nossa análise, iremos levar em conta algumas considerações feitas por Costa (2024) quanto às formas de compartilhamento no ecossistema X em que configura intertextualidade. É importante ressaltar que não nos ateremos às

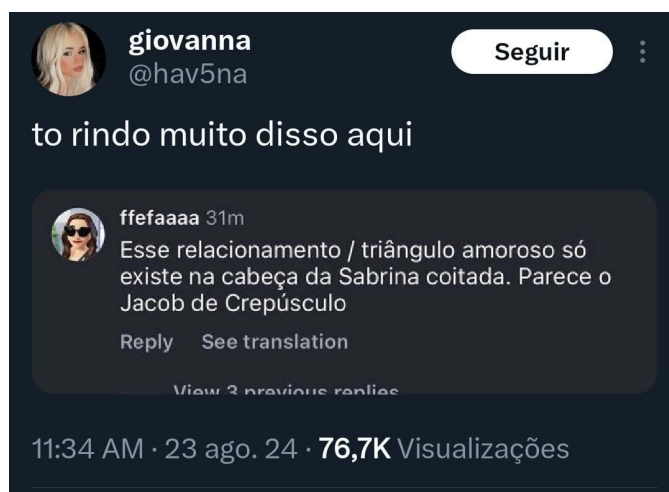
considerações a respeito de outros ecossistemas apresentados pela autora pois neste trabalho nos interessa apenas o ecossistema X.

A começar pela citação, que se difere do que esperamos, ou seja, uma citação marcada pelo uso das aspas, entretanto, no X, retuitar com comentário permite que o texto-fonte seja citado, mas que um novo texto seja criado a partir dele. A autora explica que o comentário e o texto-fonte não se confundem, isso acontece porque o limite entre eles é assinalado através de marcas tipográficas, em outras palavras, ao invés de aspas, por exemplo, a citação é contida em um retângulo que dispõe do texto-fonte, autor entre outras informações.

O retuíte sem comentário não é configurado como uma citação, na verdade o que acontece é uma transposição, essa intertextualidade de derivação se caracteriza pela transformação da forma e sem o traço humorístico. A informação e todos os elementos presentes na postagem são transportados, com apenas um clique, do perfil do autor para o perfil de qualquer usuário que compartilhar. É importante citar que a transposição pode ser feita entre ecossistemas, mas no caso do X, ainda que permaneça no mesmo ecossistema, o ambiente é outro. (COSTA, 2024)

A captura de tela é outra forma de compartilhamento, porém que não é vista como um movimento online em si, pois não depende do uso de dados de internet para ser feita. Esse mecanismo de difusão pode ser classificado em dois processos intertextuais diferentes, já que ao ser incluída em uma postagem sem comentário é uma transposição, entretanto, no compartilhamento com comentário passa a ser uma citação. Como no exemplo:

Figura 6 - Tuíte de @hav5na



fonte: rede social X. Disponível em:

https://x.com/hav5na/status/1826991342947283406?t=UIY9Vwhg3XkgbNojWs_z9w&s=19

A captura de tela em questão se assemelha a um comentário retirado da rede social *Instagram*, e que trata do suposto triângulo amoroso protagonizado pelas celebridades Shawn

Mendes, Camila Cabello e Sabrina Carpenter. O compartilhamento feito por @hav5na poderia ter sido considerado uma transposição pelo fato de haver uma mudança de ecossistemas, porém, como afirmou Costa, a captura de tela em si é apenas um recurso tecnológico dos dispositivos, portanto ela passa a ser uma citação quando um comentário é feito valendo-se das informações provenientes da captura de tela.

Costa (2024) parte para dissertar sobre outros processos intertextuais, mas agora não mais a partir do compartilhamento, mas da composição dos tecnotextos. A autora ainda lista os processos de paráfrase, paródia, alusão ampla e estrita. O que não nos deteremos a explorar todos de maneira detalhada, exceto aqueles que são cruciais para nossa análise.

A paráfrase é entendida por Carvalho (2018) como texto reformulado e sem grandes mudanças do texto-fonte, Costa (2024) concorda com o uso do conteúdo do texto-fonte, mas complementa explicando que no meio digital tudo é programado para manter o interlocutor distraído, longe do tédio, o que resulta em interlocutores acostumados a consumir o que é de fácil e rápido acesso, fazendo da paráfrase um bom meio de adiantar parte das informações para o interlocutor e tornar a sua experiência digital mais rápida.

Ambas as pesquisadoras concordam quanto à paródia, pois assumem que ela ocorre quando há uma mudança na forma e/ou conteúdo do texto-fonte, essa transformação é primordial para a construção do viés humorístico, com um novo significado. Costa (2024) acrescenta que a paródia não se manifesta por tecnossignos, mas são utilizados para a produção das publicações Vale ressaltar que o processo intertextual de paródia depende do contexto e estão ancorados em um conhecimento de um determinado grupo ou sociedade, os sentidos construídos com essa intertextualidade são variados.

Por fim, a alusão ampla parte do compartilhamento de conhecimentos de grupo específico, é esse tipo de processo intertextual que Cavalcante (2022) se refere quando afirma que não há a necessidade de o interlocutor compreender, já que além de ser um conteúdo diluído e depende da memória de um assunto específico. Mas não apenas na alusão ampla, pois no processo intertextual, Cavalcante declara que “(...) o esforço para preservação de conteúdo não garante a manutenção dos sentidos, dado que todo texto é sempre marcado por seu traço de irrepitibilidade”. (Cavalcante et al, 2020, p. 108) Tal fenômeno acontece pela pluralidade dos envolvidos na produção de sentidos.

É importante reafirmarmos que a intertextualidade é um fenômeno que acontece pela interação, pois ainda que o locutor conduza a situação comunicacional e busque projetar sentidos, ele não detém o controle total, isso acontece devido às interferências causadas pelo interlocutor. (Cavalcante et al, 2020)

Sob a luz da intertextualidade, acreditamos na capacidade criativa dos processos intertextuais, que ao promover o diálogo contínuo entre textos e a produção de sentidos, permitem comunicar através de narrativas complexas e inovadoras ou ampliar discursos existentes com novas esferas de interpretação e significado. Salientamos que tão importante quanto entendermos a intertextualidade, é acompanhá-la nas interações que se formam no ambiente digital.

No tópico a seguir, explicaremos os passos metodológicos utilizados para a análise da relação estabelecida entre a intertextualidade e a interação de fãs na produção de sentido na rede social X.

3.METODOLOGIA

A análise a ser realizada neste trabalho tem como finalidade analisar os processos intertextuais presentes em interações entre fãs, ou não, na rede social X. Nas interações digitais, as menções a outros textos tornam-se cada vez mais frequentes, evidenciando o diálogo constante entre diferentes enunciados.

O *corpus* desta pesquisa foi retirado do ambiente digital, portanto, para a nossa análise serão utilizadas treze capturas de tela contendo comentários/respostas à postagem do perfil @forkswift. O perfil escolhido é um perfil de fã, esse tipo de usuário tem como objetivo o compartilhamento de conteúdos relacionados a seus interesses e preferências. O período de tempo das interações é curto devido a grande rotatividade dos conteúdos nos ecossistemas digitais, portanto a maioria das interações aconteceram no mesmo dia da postagem, 6 de abril de 2024, ou nos dias seguintes 07, 08 e 09 de abril.

Na análise de dados, apontaremos os processos intertextuais presentes e os classificaremos. Para depois explicarmos os sentidos produzidos baseados no texto-fonte, assim como também em situações culturalmente cristalizadas e presentes no meio em que os usuários estão inseridos, socialmente situados.

Para isso, este trabalho será orientado por uma pesquisa bibliográfica, conforme a definição de Gil (2002), A pesquisa será orientada pela perspectiva da Linguística Textual, com foco em intertextualidade e na interação digital, as principais referências teóricas incluem Cavalcante (2020, 2022), Paveau (2021), Muniz-Lima (2022), Carvalho (2018) e Costa (2024), que oferecem subsídios para a análise da interação e intertextualidade em ecossistemas digitais.

Assim como afirma Cavalcante (2022, p.65) que é no “(...) enunciado, único e irrepetível, fruto de um ato de enunciação, que residiriam os sentidos”, este estudo busca examinar as diversas possibilidades de produção de sentido no texto, considerando o papel dos interlocutores, que, por meio de fenômenos como a intertextualidade, que se revelam, especialmente em comentários.

A natureza deste trabalho se caracteriza como básica, com a finalidade de ampliar o entendimento sobre os fenômenos de intertextualidade e interação em textos nativos digitais. Quanto aos objetivos, a pesquisa se enquadra como descritiva e explicativa, pois há a descrição de características do fenômeno estudado e identificamos fatores que contribuem ou determinam a incidência dos fenômenos. (Rodrigues; Neubert, 2023)

Assim, buscamos identificar e descrever os padrões intertextuais presentes nas interações dos usuários, assim como explicar os mecanismos pelos quais esses fenômenos contribuem para a construção de sentido, em consonância com os princípios da linguística textual.

O método a ser adotado será o indutivo, que consiste em analisar dados específicos, e amplamente verificados, para chegar a uma conclusão geral ou universal (Marconi; Lakatos, 2017). Ou seja, a ideia é observar casos concretos e, com base neles, formular uma hipótese que se aplique a situações semelhantes.

A abordagem é qualitativa, com foco na interpretação dos fenômenos de linguagem em contextos digitais. De acordo com Rodrigues e Neubert (2023) a abordagem qualitativa é interpretativa e comumente subjetiva, nela é levado em conta a percepção de mundo das pessoas nas análises. Essa abordagem é investigativa e foca em compreender fenômenos sociais, descrevendo e analisando experiências, percepções, comportamentos e interações humanas, priorizando os significados atribuídos pelos participantes aos eventos e contextos.

No próximo tópico, acompanharemos a análise proposta, bem como os questionamentos e contribuições decorrentes dela, desenvolvidos a partir de informações apresentadas na seção de metodologia.

4. ANÁLISE DO CORPUS

Neste tópico, apresentamos uma análise fundamentada na Linguística Textual, de processos intertextuais e interação na rede social X. Baseando-se no escopo teórico apresentado anteriormente, levando em consideração os estudos de Intertextualidade (CAVALCANTE 2020, 2022; CARVALHO, 2018; COSTA, 2024), Textos Digitais (PAVEAU, 2021) e Interação (MUNIZ-LIMA, 2022), temos o objetivo de compreender como as

intertextualidades são operadas nas produções textuais produzidas a partir da interação entre fãs, ou não, e como contribuem para a manutenção e progressão de sentidos, no ecossistema X. O *corpus* a ser analisado foi retirado de uma fonte pública, onde as interações acontecem por meio de comentários, curtidas, retuítes e salvamentos, previamente explicados.

Com isso, começaremos pela publicação feita no dia 06 de abril de 2024, pelo perfil @forkswift, no X. Conforme vemos na figura 7:

Figura 7 - Citação do perfil @forkswift



Fonte: @forkswift, X. Disponível em: <https://x.com/forkswift/status/1776729023701201068>

A princípio, vemos a autora Candy compartilhar a história de uma amiga que esteve em uma situação complicada durante o momento de gravidez e que medidas extremas tiveram que ser tomadas para que a situação fosse contornada. Mas para entendermos melhor o sentido dado pela autora à publicação citada, precisamos entender o processo intertextual utilizado. Segundo Costa (2024), o gesto tecnolinguageiro de retuitar com comentário, configura uma **citação**, pois com os limites bem definidos pelo próprio ecossistema X, nos permite identificar qual é o texto-fonte e o texto atual. À medida que o texto-fonte permanece

visível no retuíte com comentário, conseguimos relacionar a história contada com a aparência física da cantora Maiara, do duo Maiara e Maráisa.

A autora relaciona a sua história com o *post* sobre a cantora por meio da imagem da artista, o sentido produzido por Candy está em declarar o estado de enfermidade de sua amiga e associar as características físicas de Maiara. No texto-fonte, a página de notícia de celebridades publicou a imagem com a seguinte legenda: “Maiara, do duo Maiara e Maráisa, exhibe corpo escultural, após emagrecer mais de 20kg.”, o corpo escultural mencionado inclina-se ao sentido de que a cantora estaria exibindo um ótimo condicionamento físico, porém, através de comentários, muitos internautas discordam que a aparência exibida seja saudável, o que nos leva de volta a história contada por @forkswift e confirma o sentido produzido, em que o aspecto cadavérico de Maiara se assemelhe a aparência que sua amiga apresentou após complicações na gravidez.

Cavalcante (2020) expressa que as intertextualidades podem “se manifestar de forma simultânea e sobreposta, a depender dos propósitos pretendidos pelo locutor”. (p.120) Neste exemplo, podemos constatar que a autora se utiliza da função retuitar com comentário e aproveita do recurso semiótico do texto-fonte para relacioná-lo à sua história.

Ademais, consideramos para a nossa análise a interação que acontece entre os usuários que tiveram acesso a publicação. Como podemos ver no exemplo acima, a publicação de Candy possui 5,6 milhões de visualizações, 125 mil curtidas, mais de 15 mil retuítes. A autora faz um comentário, em seu próprio *post*, surpresa com a grande repercussão, como podemos acompanhar no exemplo:

Figura 8 - Comentário de @forkswift



Fonte: @forkswift, X. Disponível em: <https://x.com/forkswift/status/1776749532891484261>

É a partir da ampla difusão da publicação, do papel assumido pela autora e da interação entre os usuários, além da maneira como as interações são conduzidas, que notamos a relevância dos internautas que engajaram a postagem na produção de sentidos. Os chamados

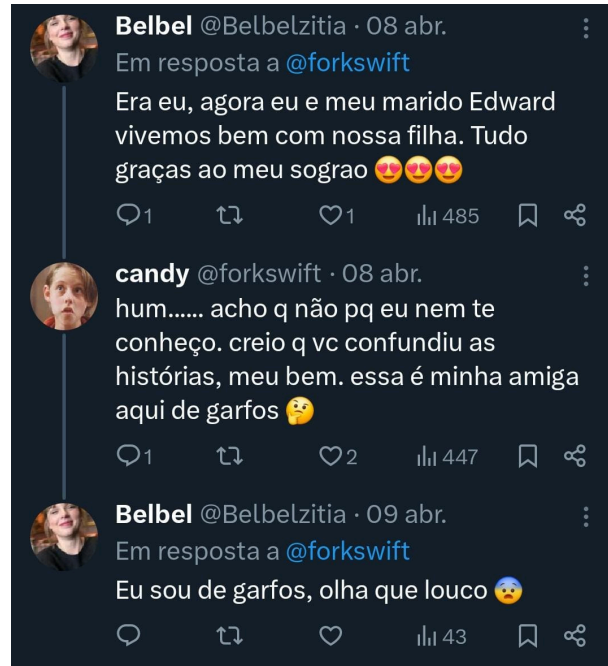
produsuários, são definidos por Marie-Anne Paveau (2021) como aquele usuário que é, ao mesmo tempo, usuário e produtor do conteúdo da mídia. Muniz-Lima (2022) completa o conceito ao afirmar que o produsuário é aquele que decide, desde o que vai ler até onde deve clicar e com qual intenção vai modificar textos publicados em um perfil específico.

A concepção de produsuário vem acompanhado do conceito de produto, que de acordo com Paveau (2021), “(...) o produto permite a invenção de novos usos, e, ao mesmo tempo, uma melhora contínua dos conteúdos existentes” (p.289) É essa linha tênue entre o que é produzido e o que é consumido pelos internautas que proporciona esse tipo de interação, onde o usuário, que iria apenas assumir o papel de leitor da história fictícia baseada no enredo do filme amanhecer da saga crepúsculo, passa a participar e produzir conteúdo e novos sentidos, junto a autora do texto.

Para isso, ainda na figura 8, a autora adiciona novas informações a sua narrativa, uma delas moralmente condenada, quando escreve “os irmãos do marido dela tudo se pegam”, o que instiga a participação de outros usuários. A partir deste comentário, muitos internautas começaram a se interessar pela personagem da história, o que contribuiu para o alto nível de interatividade na publicação.

É importante lembrar que, como aponta Muniz-Lima (2022), os níveis de interatividade acontecem pelo controle de conteúdo, caráter dialogal e sincronidade. O perfil @forkswift é um perfil que não possui restrição para acesso aos seus conteúdos, configurando uma das maneiras de controle, porém, ao longo dos exemplos, perceberemos que a autora também controla o nível de interatividade com as suas respostas ou apenas por não interagir com certos comentários. Observe no exemplo a seguir:

Figura 9 - Comentário de @Bebelzitia e interação com @forkswift



Fonte: @forkswift. Disponível em: <https://x.com/Belbelzitia/status/1777442456482513044>

A autora interage com muitos que comentam na sua publicação, ela responde dúvidas e encorpa a sua narrativa com mais informações, porém ela manipula os sentidos de acordo com o que ela intenciona, assim ela mantém o controle através da interação também.

Quando a @Belbelzitia direciona a narrativa para si e assume um tipo de interação onde afirma ser uma das pessoas da narrativa, nesse caso assume o papel da amiga citada no *post*, a autora nega e afirma “acho q não pq eu nem te conheço, creio que vc confundiu as histórias, meu bem, essa é minha amiga aqui de garfos”, a jovem responde “Eu sou de garfos, olha que louco”, mas Candy encerra a interação no seu comentário anterior, nos mostrando que ainda que haja conhecimento do texto-fonte e ele seja recuperado, e isso permita que o interlocutor também tenha certo controle da situação comunicacional, existe o gerenciamento maior da interação por parte de um dos envolvidos e em algum momento a interação cessa.

Percebemos com nitidez que a manutenção dos sentidos empregados a respeito do assunto abordado nas publicações, acontece através da colaboração de outros usuários e a progressão do relato também provém da interação. Segundo Muniz-Lima (2022), a sincronicidade revela o grau de engajamento da interação por meio do tempo de resposta, conseguimos notar que a maioria das interações aconteceram no mesmo dia da postagem ou se estenderam por alguns dias após a viralização.

Além da citação, outros dois processos intertextuais compõem a construção da história, são eles: a alusão estrita (copresença), a paródia (derivação). Retomando mais uma vez a concepção de Cavalcante (2020), que as intertextualidades são manobradas pelo locutor

a seu gosto e acontecem de forma simultânea, atestamos a alusão estrita por meio de informações disponibilizadas aos interlocutores pela autora, a qual se refere à história de Bella Swan, protagonista do primeiro filme da Saga Crepúsculo.

Ao mesmo tempo, o texto produzido é derivado do enredo do filme e transformado numa história que parece ter uma proximidade com a autora, mas que na verdade possui um viés humorístico e de crítica. O viés humorístico acontece pela relação de fã que Candy estabelece com os personagens da produção cinematográfica, a autora mantém o personagem que criou para si mesma e assim alimenta a interação com outros usuários, fãs ou não. Como percebemos nos exemplos a seguir:

Figura 10 - Comentários de @MaLuRCruz e @viviricardo_



Fonte: @forkswift, X. Disponível em: <https://x.com/MaLuRCruz/status/1776785062920364169> e https://x.com/viviricardo_/status/1776753733369471129

Em resposta aos questionamentos sobre os fatos vividos pela amiga, a autora escreve “é uma simpatia costume aqui do interior da nossa cidade ela nao tava conseguindo comer e tava morrendo por isso aí dão sangue pra ela ter forças:/”, afirmando que na cidade em que ela e a amiga residem, oferecer sangue para uma grávida na situação em que a amiga se encontrava, é algo naturalizado nas cidades do interior do Brasil, aludindo a Forks, pacata cidade estadunidense para qual a personagem Bella se muda no filme Crepúsculo.

Ainda justifica o questionamento de outra usuária ao dizer que os irmãos do marido que se relacionam não são irmãos de sangue, mas que foram adotados já adultos, outra prática que também é comum em interiores, pois o relacionamento entre pessoas de famílias próximas ou até da mesma família, em cidades menores, é normalizado.

Ao passo que a interação acontece, são apresentadas novas pistas e os participantes tomam posições diferentes, muitos dos que recuperam o texto-fonte contribuem de maneira ativa para a progressão da história, já outros questionam. Essa maneira de reagir aos processos intertextuais, quando há a recuperação do texto-fonte, passou a ser comum nas redes sociais,

com o intuito de confundir aqueles usuários que vão aos comentários para procurar mais informações sobre a história contada.

Na figura 10 , temos um recorte da interação de Candy com @MaLuRCruz, onde vemos a participação de alguns produusuários que comentam “Na cidade de Garfinhos é uma simpatia” e outro que completa “É tipo uma transfusão, ao invés de fazer pela intravenosa eles acham melhor beber kkkkkkkkkk”

Figura 11 - Interação entre @forkswift e outros usuários



fonte: @forkswift, X. Disponível em: <https://x.com/forkswift/status/1776785548524310838>

Além de contar com a intervenção de internautas para prosseguir com a narrativa, quando mencionada a obra ou o nome de algum personagem, a autora toma a posição de alguém que não tem conhecimento do assunto referido, como vemos nas capturas de tela da figura 12, O mesmo texto é escrito em dois comentários diferentes, mas a autora replica de maneiras distintas.

Figura 12 - Comentários de @annydias e @panquecagorda



fonte: @forkswift, X. Disponível em: <https://x.com/annydias/status/1776986902748398021> e <https://x.com/panquecagorda/status/1776984720636625064>

A preocupação na fala “tenho q assistir esse filme pq tá todo mundo falando q a história da minha amiga é igual” se difere da resposta “é da minha amiga aqui de garfos, interior de sp”, mas ambas perpetuam a posição de personagem da autora, ainda que os internautas invistam em tentativas para descobrir se a história era real ou fictícia.

Também é relevante citar outra estratégia adotada por Candy, que é não utilizar o nome original da cidade, por isso, ela faz uso do processo intertextual de **transposição** ao traduzir a palavra *Forks*³. Esse termo pode significar bifurcação e é precisamente por esse significado que a cidade carrega esse nome, porém a autora utiliza a tradução mais conhecida da palavra, garfos e que torna a situação cômica para aqueles que a identificam. Para os usuários que não tem afinidade com o idioma inglês e não conhecem a obra, diminui as chances de recuperar o texto-fonte.

No próximo exemplo contemplamos novamente um tipo de interação popularmente adotada pelos usuários, que é a de confirmar um envolvimento atípico na situação narrada, onde afirmam serem objetos, lugares ou outras pessoas. Geralmente a ideia absurda é uma forma de rebater a outra ideia absurda que está sendo compartilhada, como vemos na figura 13, a internauta @akyzeevic afirma “Vdd eu era o sangue”, a atitude da autora é fazer de conta que a afirmação da internauta pode ser verídica quando diz “se vc doa sangue no hemocentro aqui de garfos interior de sp pode ser q vc tenha sido o sangue mesmo”, ainda que essa afirmação seja indiscutivelmente impossível, o engajamento da internauta a resposta da autora é completar o sentido do primeiro comentário, com “Sim fui a seringa agulha e o sangue 👍”

³ Devido a sua localização próxima à bifurcação de três rios: FROM YOUR CORNER: HOW FORKS GOT ITS NAME | WA SECRETARY OF STATE. [S. l.: s. n.], 2010. Disponível em: <https://www.sos.wa.gov/about-office/from-our-corner/2592/From%20%20Your%20Corner%3A%20How%20Forks%20got%20its%20name#:~:text=The%20town%27s%20name%20originates%20because,Calawah%2C%20Bogachiel%20and%20Sol%20Duc>. Acesso em: 20 agosto. 2024.

Figura 13 - Comentário de @akyzeevic



fonte: <https://x.com/akyzeevic/status/1776997362046513583>

Uma das características dos textos nativos digitais é a composição, ou seja, elementos semióticos combinados a fim de comunicar. No X, a comunicação geralmente acontece por meio de textos escritos, porém os recursos multissemióticos, como as fotos estáticas, gifs, vídeos entre outros recursos visuais também trabalham para a manutenção do sentido dado à história, pela autora e pelos outros fãs, ou pessoas que vivenciaram o momento em que a saga foi popularizada.

Nos exemplos a seguir encontramos esses recursos semióticos que além de colaborar para a progressão da história contada, corroboram para a abordagem humorística desse tipo de conteúdo:

Figura 14 - Comentários de @tere10cam e @ingridmollin



fonte: @forkswift, X. Disponível em: <https://x.com/reclusona/status/1777072514058895406> e <https://x.com/ingridmollin/status/1776763238367084861>

No comentário feito por @tere10cam, vemos uma captura de tela da série de humor Tapas & Beijos, editada para conter também a protagonista do filme Crepúsculo. A autora deste tuíte combina dois recursos semióticos a fim de produzir sentido que acreditamos ser humorístico. Na foto, vemos a noiva ao centro e as duas funcionárias da loja Djalma Noivas, Sueli, à esquerda, e Fátima, à direita, ajudando com a prova do vestido.

Nesse caso, não é clara a intenção da autora ao utilizar a foto editada, pois não entendemos se a série é vista como algo da vida real e que é de conhecimento da autora, ou se a amiga da Candy participou da série. O sentido produzido a partir desta interação depende também do interlocutor, pois pode ser que não conheça as personagens da série ou pode ser que entenda que em algum momento houve esse *crossover* de produções audiovisuais.

No segundo tuíte, contemplamos um GIF contendo uma cena de Rosalie e Renesmee, cunhada e filha de Bella, no texto escrito do comentário é mencionada a rede de apoio, termo cristalizado no contexto da maternidade, porém o cômico do comentário é a autora se referir a Rosalie como rede de apoio, de fato ela cuidou da Renesmee quando bebê, mas ela e Bella tinham uma relação complicada e para uma mãe é difícil confiar seus filhos a alguém no momento de puerpério.

Outra característica que podemos associar aos tecnotextos é a **imprevisibilidade**, que pode acontecer desde a entrega do conteúdo, até os tipos de interações que se sucederam. Na nossa análise a viralização foi inesperada, assim como o comportamento dos outros usuários, pois não poderíamos prever a reação frente ao conteúdo compartilhado pela autora, mas que, também, de forma imprevisível insistiu na manutenção da história fictícia que criou e provou que os textos nativos digitais têm a sua complexidade e permitem uma produção diversificada.

Ultimamente esse tipo de comportamento promovido pela Candy tem acontecido no X com assuntos que estão em alta, mas também é comum encontrarmos em perfis de fãs (classificação a qual receberia), perfis estes dedicados a criar e compartilhar conteúdos com intuito de promover celebridades ou outros assuntos. No perfil escolhido para análise é possível notar uma devoção pela saga crepúsculo.

Primeiramente levantamos esta hipótese baseada em seu nome de usuário, pois *forkswift* seria a combinação dos nomes *forks*, cidade onde a trama do filme acontece, e *swift*, sobrenome da cantora Taylor Swift. Depois, observamos a foto de perfil, que se trata da Kristen Stewart quando adolescente, atriz que interpretou a personagem Bella Swan e por fim, confirmamos que se configura uma página de fã pelo recurso da bio (ou biografia), o espaço no perfil onde o usuário escreve informações sobre si, vejamos:

Figura 15 - perfil @forkswift



fonte: @forkswift, X. Disponível em: <https://x.com/forkswift>

Nas redes sociais, os fãs desempenham um papel essencial na manutenção dos conteúdos, se valendo de estratégias que garantem que seus interesses permaneçam em destaque. Para Jenkins (2006), os fãs carregam em si criatividade e dedicação. Essas qualidades são capazes de impulsionar carreiras e acabam colaborando para a divulgação de conteúdos e informações, e para a manutenção da colaboração contínua, dentro dos ecossistemas digitais, principalmente através da interação e do manejo das intertextualidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o exposto, e com base nos fundamentos oferecidos pela Linguística Textual para a análise dos processos intertextuais em interações de fãs na rede social X, observamos que os sentidos dos textos são constantemente operados pelos interlocutores. O

corpus desta pesquisa derivou de uma notícia sobre a aparência de uma celebridade, que resultou na criação de uma narrativa ficcional por uma fã. Essa narrativa incentivou a interação entre usuários, fãs ou não, e promoveu a progressão e manutenção da história pelo processo intertextual.

Durante a análise, buscamos descrever e explicar os fenômenos intertextuais presentes nas interações da postagem do perfil *@forkswift* e nos comentários feitos por outros internautas. Observamos a construção de sentido a partir da citação da aparência da cantora Maiara, que foi associada à situação vivida pela protagonista Bella durante a gravidez. A narrativa resultante foi classificada como uma paródia, pois utilizou elementos do texto-fonte com um viés humorístico. Além disso, as estratégias que estimularam a curiosidade e participação dos internautas incluíram o fenômeno intertextual da transposição.

O grande alcance da postagem, que rendeu mais de 5 milhões de visualizações e centenas de comentários, revelou interações diversificadas. Para este tipo de conteúdo, é desafiador manter a narrativa e os personagens após uma grande repercussão, uma vez que há uma maior probabilidade de usuários recuperarem o texto-fonte. No entanto, muitos dos usuários que comentaram contribuíram para a construção e manutenção da narrativa.

O estudo da intertextualidade está fundamentado no princípio do dialogismo de Bakhtin, que destaca a importância da interação entre locutor e interlocutor na construção do sentido dos textos. A rede social proporciona esse diálogo entre conteúdos e usuários de maneira natural, compondo a arquitetura dos ecossistemas digitais. Além disso, os textos digitais são o principal meio de comunicação da nova geração, o que demanda um aprimoramento contínuo das análises desses textos.

Reconhecemos que os textos nativos digitais estão sempre se renovando e que a criatividade advinda dos elementos digitais gera novas possibilidades, por isso, nosso trabalho demonstrou uma das diversas maneiras da relação entre textos em busca de novas produções de sentido. Com isso, podemos ampliar nossos estudos encarando novos fenômenos linguísticos dentro da construção de textos.

Apesar da intertextualidade ser um tema amplamente estudado, a pesquisa dentro do ambiente digital ainda é relativamente nova. Assim, este trabalho pode contribuir significativamente para novas perspectivas nos estudos dessa área sejam realizadas.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **A noção de texto**. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. M. (Mikhail Mikhailovich), 1895-1975. **Problems of Dostoevsky's poetics**. (Theory and history of literature; v. 8) Translation of: Problemy poetiki Dostoevskogo. University of Minnesota Press, 1984.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas** / Ana Paula Lima de Carvalho, 2018.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. **O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise**. Revista (con) textos linguísticos, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. **Linguística textual e argumentação**. Campinas, SP: Pontes editores, 2020.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, MAP. **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. **Campinas: Pontes**, 2022.

COSTA, Dálete de Castro Braga. Dissertação (mestrado): **Intertextualidades em Ambientes Digitais**. Universidade Federal do Ceará, 2024.

DA ROCHA, Max Silva; DE PAIVA SILVA, Maria Margarete. **A linguística textual e a construção do texto: uma discussão acerca dos fatores de textualidade**. REVEXT-Revista de Extensão da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL, v. 2, n. 1, p. 48-65, 2017.

FARIA, Maria da Graça dos Santos. **Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais**, 2014.

GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Aleph, 2015.

JENKINS, Henry. **Fans, bloggers and gamers: Exploring Participatory Culture**. New York: New York University Press, 2006.

KRISTEVA, Julia, 1941- . **Introdução à semanálise** / Julia Kristeva ; tradução Lúcia Helena França Ferraz. - 2. ed. São Paulo : Perspectiva, 2005

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. – São Paulo : Atlas, 2017.

MUNIZ-LIMA, Isabel. **Modos de interação em contextodigital**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, 2022.

NOBRE, Kennedy Cabral. **Crerios classificat6rios para processos intertextuais**. 2014.

PAVEAU, Marie-Anne. **An6lise do discurso digital: dicion6rio das formas e das pr6ticas**. Organizadores: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. 1. ed.– Campinas, SP : Pontes Editores, 2021.

PIÈGAY-GROS, Nathalie. **Introduction à l'intertextualité**. Paris: Dunod, 1996. Traduzido por Mônica Magalhães Cavalcante; Mônica Maria Feitosa Braga Gentil; Vicência Maria Freitas Jaguaribe. *Interseções*, n. 1, p. 220-244, 2010.

RODRIGUES, Rosângela Schwarz; NEUBERT, Patricia da Silva. **Introdução à pesquisa bibliográfica**. Florianópolis: Editora da UFSC,2023.